

Voilà Feydeau!

Lautréamont (1846-1970) escreveu que o belo consiste no “encontro casual entre uma máquina de costura e um guarda-chuva numa mesa de dissecação”. Feydeau (1862-1921), por seu lado, afirmou uma vez que desenvolveu uma estratégia infalível contra a angústia da página em branco, durante a escrita das suas comédias: fazia sempre coincidir em cena duas personagens cujo encontro constituísse um desastre. Será apenas casual, a semelhança entre estas duas posições? Na verdade, muitos autores surrealistas reconheceram o comediógrafo francês como um precursor inconsciente do seu movimento. Em *Não andes nua pela casa*, a dada altura o deputado Ventroux diz o seguinte à sua esposa, que tem o tal hábito incomodativo descrito no título: “Estás com um ataque de pânico? Vai

ao dentista!”. Uma réplica digna de Ionesco. Nesta sua comédia, Feydeau explora o ‘filão’ da crise do casamento, bem como de um certo absurdo das instituições políticas, como já havia feito em *A purga do bebé*. Em cena deparamo-nos, no fundo, com o retrato reelaborado do próprio dramaturgo: quando descobriu que a sua mulher o ‘fazia cocu’, o escritor foi viver para o Hotel Terminus, de onde nunca mais saiu: “Todo o cómico é refração natural do trágico”, escreveu também. A acção desembestada em que assentam quer as suas comédias, quer os seus *vaudevilles*, fazem deste autor uma referência absoluta — reconhecida só tardiamente pela Academia — para quem faça ou escreva teatro. Instado em 1905 a ‘defender a sua dama’ face àqueles que preconizavam a morte destes dois géneros teatrais,



© Pedro Soares

escreveu o seguinte: “Estes preunçosos, todos imbuídos da superioridade que se dão, declaram com soberbo desdém que ‘o *vaudeville* e o melodrama não são literatura nem teatro’. Que não são literatura, tudo bem, se a literatura for a antítese do teatro: o teatro é a imagem da vida, e na vida não se fala de literatura. Só o facto de fazer falar as personagens de uma

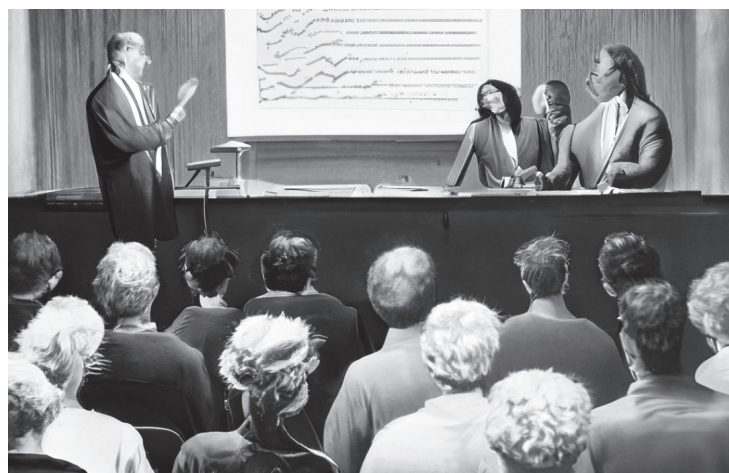
forma literária já chega para as tornar inverosímeis. Mas que não são teatro: alto lá! O teatro, acima de tudo, é o desenvolvimento de uma acção, e a acção está na própria base de tudo o que escrevo. Bem sei que hoje em dia a tendência é para tornar o teatro numa cátedra. Mas na altura em que se tornar numa cátedra, então o teatro deixa de ser teatro”.

Quando as máquinas dizem “Bom dia”

O Encontro da Cerca deste ano é dedicado ao tema *A criação e a inteligência artificial*. Desde Novembro, com o surgimento do ChatGPT, que este assunto tem estado na ordem do dia, dando origem a discussões apaixonadas entre detractores, entusiastas, cépticos e — a grande parte de nós — leigos absolutos. O impacto desta realidade (que, afinal, não será assim tão nova) nos meios de comunicação e na sociedade tem sido tal que a União Europeia foi instada a legislar sobre ela. Diferentes países têm lidado com este fenómeno de forma distinta: em Itália, por exemplo, o ChatGPT foi pura e simplesmente proibido. “A discussão sobre Inteligência Artificial não é novidade. Há anos que se investiga e estuda nesta área. A diferença é que com ferramentas como o ChatGPT qualquer pessoa

pode falar e fazer pedidos a programas informáticos usando uma linguagem do dia-a-dia”, explica Karla Pequenino, jornalista de tecnologia do jornal *Público*, que será a moderadora deste Encontro.

A discussão tem sido vasta, e é ainda esparsa. Por isso mesmo, no Encontro da Cerca de amanhã à tarde, às 15h00, na Casa da Cerca o debate será alargado. “A ideia foi termos investigadores, jornalistas e criadores de várias áreas — da música, do teatro e das artes plásticas —, uma vez que, até ao momento, a discussão tem estado centrada na questão dos direitos de autor. E estes oito convidados — vindos de mundos diversos e repartidos por dois painéis — irão com certeza revelar as suas experiências concretas, abrindo novas perspectivas de análise”, conclui Pequenino. Participam neste En-



© Adobe Express (Beta)

Imagem gerada através do sistema de IA da Adobe, a que foi dada a instrução: “People giving a conference, about AI, on a stage, to an audience”.

contro Ana Isabel Guerra (jurista e investigadora), Miriam Seoane Santos (investigadora), Paulo Dimas (investigador), Paulo Querido (jornalista), Carlos Pimenta (en-

cenador e actor), Manuel Halpern (escritor e jornalista), Rodrigo Gomes (artista plástico) e Rui Penha (compositor).

A entrada é livre.

Actor, encenador, pedagogo e tudo

A instalação com que o Festival homenageia este ano João Mota fica no pátio de uma escola. “Aprender, aprender, aprender sempre”, poderia ser o lema de alguém que sempre fez da pedagogia um modo de vida: “A primeira instrução devia ser artística. Há cem anos atrás, durante a primeira República, Leonardo Coimbra, ministro da instrução pública, privilegiou esse ensino. Deveria

ser o primeiro entre todos, mas em Portugal, actualmente, isso é completamente negligenciado”, explica-nos Mota. Em volta do círculo da instalação surgem frases que o homenageado disse ao longo dos anos. Quase manifestos, ou não tivesse a política uma importância capital na maneira como o encenador interage com os outros. “Estamos no fim de uma civilização; só não vê quem estiver distraído”,

lê-se. João Mota assume esta postura de ‘desinquietador’ nos seus pronunciamentos: “Sempre me inspirei nesta troca de fluxos, que é triangular, primeiro, entre mim e os actores, e depois logo a seguir com o público”. Na Comuna, a companhia que fundou em 1972, gerações sucessivas de espectadores habituaram-se a serem sentadas na sala pelo director. Muitas vezes, à volta de um círculo que co-

meçava por estar vazio, e que era então povoado por algumas horas, “com a força da simplicidade desse regresso forte a uma comunhão primitiva, que nos interpela”. Está escrito na parede da escola. “Enquanto não soubermos morrer e renascer todos os dias, não vamos saber viver”. Talvez seja esta a *praxis* de alguém que, nas suas palavras, “se sente cada vez mais jovem”. A homenagem do Festival a João Mota decorre amanhã no Palco Grande, antes do espectáculo. Intervirão Inês de Medeiros, Eugénia Vasques e Carlos Paulo.

Da ideia ao palco

O público que ontem à tarde encheu a Esplanada da António da Costa para assistir a uma conversa entre Pedro Mexia e Nuno Cardoso, moderada pela crítica de teatro Helena Simões, teve direito a uma oficina sobre o processo de construção de uma peça. Mexia, como tem sido hábito, referiu-se a este seu “primeiro trabalho de grande fôlego dramático” como uma peça de ideias, na qual há “pessoas que falam muito, como se estivéssemos num filme de Eric Rohmer”. Para passar da ideia ao texto, o escritor revelou-nos que leu mais de cem livros sobre o maior dos países escandinavos, entre ensaios, ficção e teatro: “Bergman e Strindberg, evidentemente, foram algumas

das referências que acabaram por entrar na peça, sob a forma de citações feitas por um conjunto de personagens que são habitantes de uma ilha, num dia que deveria ser de festa, já que se celebra um casamento”.

Nuno Cardoso invocou o dia em que recebeu o texto, via electrónica: “Foi no exacto momento em que a minha filha me estava a apresentar o namorado”. Com os ensaios de *Suécia*, regressou aos seus doze anos, “quando me sentava com o meu pai para assistir ao ciclo de filmes de Ingmar Bergman na RTP2, num programa que se chamava *Lotação esgotada*”.

Sobre o processo de encenação, e de alguma reescrita, o autor contou-nos que chegou a receber



© Patrícia Martins / Rui Mateus

telefonemas do encenador, do género: “Pedro, não resulta. Cortei”. No entanto, chegou-se sempre a consenso. E, até ao momento em que a peça termina, quando duas das personagens resolvem ficar à espera de que algo aconteça, numa homenagem ao “não sueco Beckett”, sente-se esse espírito de uma obra em construção permanente, assumida ontem à tarde pelos dois criadores.

A esquerda e a direita (de cena)

TEATROLOGIA

No teatro — como na vida — conceitos tão díspares quanto ‘esquerda’ e ‘direita’ prestam-se não poucas vezes a equívocos: no palco, a esquerda e a direita definem-se em relação a quem está em cena, ou ao público? A resposta certa é: em relação ao público. Mas nos ensaios o engano dá-se frequentemente, sobretudo com pessoas com pouca prática (ou mais distraídas). No caso dos actores, bailarinos ou cantores, o problema não é tão grave. Mas quando se trata de técnicos — que tenham que mover cenários volumosos e pesados, por exemplo — o caso muda de figura.

Os franceses resolveram a questão da seguinte maneira: designam, respectivamente, o lado direito e o lado esquerdo do palco como *côté cour* e *côté jardin*. O uso destas expressões tem origem na construção, em 1659, em Paris, de um teatro no coração do palácio das Tulherias, sede do poder real. Nesse teatro o rei protocolarmente sentava-se à direita da rainha, e os termos utilizados eram *côté roi* (jardim) e *côté reine* (palácio). Curiosamente, em Portugal esta designação ainda subsiste, no Teatro de São Carlos, certamente herdada por via da tradição operática.

Nos países de língua inglesa, a orientação do palco designa-se em função da posição onde antigamente eram colocados os pontos [*prompt*, na língua de Shakespeare]: *prompt side* significa ‘direita de cena’, ou ‘palácio’; e *opposite prompt side* refere-se à ‘esquerda de cena’, ou ‘jardim’. // Rui Lagartinho

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | Encontros da Cerca
A criação e a Inteligência Artificial
Casa da Cerca

15:00 | Teatro
Ventos do apocalipse
Academia Almadense

18:00 | Teatro
Jogging
Incrível Almadense

19:00 | Teatro
Calvário
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música
Daniel Bernardes e Manuel Teles
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Não andes nua pela casa!
Escola D. António da Costa

23:30 | Música
O Gajo
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Frango crocante c/ salada de repolho
Pescada gratinada
Feijoada de abóbora e batata doce

AMANHÃ

Rolo de carne com tâmaras e bacon
Lulas recheadas c/ puré de batata
Caril de grão com arroz de gengibre

